

PAPO DE GALO

Número 8

07/08/2020

Tiragem apoiadores: 0003

*Muito mais que
pai e filha*

EDIÇÃO DE DIA DOS PAIS

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. Seguindo a lógica de uma revista mais densa e outra mais leve, a desta semana se volta para o Dia dos Pais. Mas de um jeito não generalista, óbvio. Assim, coloque-se um pé de volta na primeira pessoa. No que sento no meu lugar de fala: falo da minha relação com meu pai e da minha relação, como pai, com meus filhos.

Enquanto isso, daqui na central de produção — uma mesa na sala de casa — o computador substituto segue sua função, *daquele jeito*, numa constante relação de amor e ódio, mas fazendo com que esse conteúdo chegue até você.

(Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!)

Voltando à introdução tradicional:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Estou **colunista** do **Correio da Bahia**, do programa **Futebol S/A** e do **Arena Rubro-Negra**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã. (Você reparou no quanto a luz subiu este mês? Um horror.)

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR**. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço!

*A meu pai, cuja voz
me esforço para não
esquecer, e a meus
filhos, pela alegria e
orgulho de poder ser
pai deles.*

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0003
APOIA.se

São Paulo, 07 de agosto de 2020

REDES
SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR

NAVEGUE

EDITORIAL 1

6, Painho

MEU PAI

10, Muito mais que pai e filho

13, Tempo ao tempo

16 O que aprendi com a morte de meu pai

23, À frente de seu tempo

25 Alô, além

27, Bolinha de areia

29, Bancada, bancada, bancada

LETRAS DE MEU PAI

34, Bater um baba

36, Mutá, Esparta e cachaça

39, O enterro de Bacurinha

41, Saudades de Naná

43, Ah, essas moças

45, Quando a mentira se veste de lenda

EDITORIAL 11

50, Nunca serei painho

EU, PAI

54, Até o fim do mundo

60, Oi, pai

62, Esse é o meu clube

64, Soy lindo, por supuesto

66, No me deje sola



6

Painho



Dizia não gostar, mas, no fundo, gostava

Coisa de paulistano de nascença, que apesar de muitos mais anos vividos em Salvador, não abandonava o sotaque, resistindo bravamente ao cantado e belíssimo sotaque soteropolitano. Talvez houvesse um certo provincianismo, de pensar na megalópole sudestina como centro maior, o que economicamente é correto, mas humanamente, tenho cá minhas dúvidas. Apois, era eu chamá-lo de painho que ele franzia a testa, demonstrando, às vezes com palavras, que não gostava da alcunha.

Mas, fazer o quê? Se na cidade todo mundo era d'oxum, havia de se entregar a forças maiores do que ele. Painho era, painho ficou, até que, depois de velho, eu adulto, não retrucava nem encaretava a face. Era, enfim, painho.

Não era pessoa fácil de conviver. Como ouvi certa feita sobre outra pessoa e levei para resumir suas relações, era excelente para consumo externo. No dia-a-dia, tinha suas questões que desafiavam o querer bem, confesso.

Agora, que pai não? Que relacionamento duradouro não impõe desafios cotidianos?

Aprendi com os anos a aceitar o pai que eu tive. E, aos poucos, pude perceber certos privilégios.

Porque apesar da obviedade de não querer ser pai, pelo menos não nos modos de pai participativo que divide as responsabilidades com a mãe e concorda com contratos sociais

que moldam as interações especificamente relativas à paternidade e ao matrimônio, eles ficou ali até quando pôde.

Este é, talvez, o maior privilégio.

Porque ele quis ir embora muitas vezes. Não servia praquilo de criar filho. Abusava de violência física para extravasar frustrações que se acumulavam com uma vida sofrida, de constantes dificuldades financeiras. Mas ele ficava.

Ficava mesmo contra o não querer de minha avó, que repelia qualquer nora, de qualquer dos 5 filhos.

Até meus 20 anos, eu já na faculdade, os 3 filhos crescidos, permaneceu, mesmo que nos últimos tempos estivesse mais fora do que dentro.

Mas ele ficou. Ele ficou, bicho. Esteve presente, do seu jeito. Lutou, o máximo que pôde, para prover educação de qualidade, ou seja, particular, a mim e a meus irmãos, porque sabiam, ele e Mainha, que não haveria futuro se assim não fosse, mesmo que tivessem que sempre viver na corda bamba.

Entende o poder que isso tem? Entende o que isso significa?

Sou, pois, privilegiado.

E não é questão de me contentar porque poderia ser muito pior, porque "tem gente que vive realidades piores". É claro que poderia ser muito pior. Só que, perdoem-me, eu não caio na armadilha de comparar fatos a hipóteses.

É questão, pois, de aceitação da condição que eu tive. De abandonar o que poderia ter sido, de corrigir na mente os erros cometidos pelo caminho, e focar no que efetivamente tem de palpável. A história que vivemos, com coisas boas e coisas ruins, como todos nós.

Prefiro, então, focar no que foi.

Por vezes, cometerei o deslize de pensar no que talvez fosse, mas não como um efeito borboleta de correção do passado, e sim como divagação, como construção narrativa, como desabafo.

Painho se foi em 25 de agosto de 2016.

Cedo demais. Talvez não pra ele, que, hoje prefiro compreender assim, cansou de tudo e atuou, talvez não conscientemente, para descansar.

Nesta edição da Papo de Galo_ revista, vou falar da nossa relação, que cabe somente a nós dois.

Além disso, vou trazer alguns de seus textos de que mais gosto.

Porque Painho era um escritor de mancheia, embora frustrado, como sói ocorrer àqueles que desejam a arte. Nunca conseguiu se dedicar à escrita como gostaria.

Tinha um sonho que desconhecia. Confessou-me Angelica, sua esposa em seus últimos 9 anos de vida, que ele tinha uma vontade enorme de se tornar cronista na Bahia, especialmente sobre futebol.

Quando em 15 de maio de 2017 escrevi o meu primeiro artigo como colunista do Correio da Bahia, estava ali realizando um sonho que era também dele, senão mais dele. Para sempre terei esse vazio na minha vida: de ter chegado a um ponto com o qual ambos sonhamos, mas ele não teve a oportunidade de ver, de acompanhar, de criticar, de saborear.

E isso, meus caros, dó demais.

Dele herdei legados.

O tique de coçar os cabelos.
As amizades, tanto de ETFBA quanto de UFBA.

O gosto musical.

O humor ácido.

O amor pela escrita e o anseio por escrever.

A capacidade de articulação argumentativa.

Uma certa prepotência de crer demais na própria capacidade, sem dar-se conta da importância incontornável da execução, mesmo que de tarefas chatas.

A vontade de fazer os outros passar vergonha com demonstrações públicas de “pra quês?”.

Quem nunca teve um pai que se dispõe a fazer embaraçosos alongamentos em locais tão propícios quanto supermercados, nunca saberá o sentimento.

A lascívia por largas ancas femininas – perdoem-me, nem tudo é nobreza.

E, sobretudo, da paixão pelo Esporte Clube Vitória, tradição iniciada por meu avô, que hoje se expande à quarta geração.

Fui forjado no cimento da arquibancada da Fonte Nova e do Barradão, com ele na maior parte das vezes. Vimos as semifinais e final do Brasileiro de 93, estávamos lá no gol de Raudinei, fizemos do Barradão nossa casa em barro e lama a partir de 95.

O Dia dos Pais é data que não vem sem um pouco de dor. Sua ausência é sentida com mais força. Coisa de certas datas emblemáticas, como aniversário, e data de sua morte, que completa 4 anos neste mesmo mês de agosto.

Esta parte da revista é uma revoada de histórias dele, com ele, pra ele, sem platitudes de roteiro de propaganda, com verdade, emoção, alma.

Painho já não está mais aqui, mas devo ainda lutar para que sua voz permaneça. Para que nossas histórias ainda vivam, e nelas ele também.

Painho é parte fundamental de quem eu sou.

Feliz Dia dos Pais, Painho. Amo você.

Que saudade.

— *meu pai*

10

Muito mais
que pai e filho



Não era uma relação de pai e filho. Era muito mais que isso.

Uma infância esquecida, por sofrida. Talvez pelo fato de que sua verdadeira vocação fosse não ser pai de menino. Lembra quantos você abraçou para debaixo de suas asas durante tantos? Tios que começaram o primeiro emprego com você. Os colegas de faculdade que o viam como espelho, e o tratavam com reverência que lhe inflava o ego.

Ego que nunca foi não exagerado. Sempre expandido. Saiu de uma faculdade por não acreditar que os professores tinham cacife para tão gênio como pensava que era. No fim, era a necessidade da vida que te levava, filho pra criar não é fácil.

Não é e nunca foi muito a sua praia.

Foram anos de sufoco. Três fugas e recomeços ao longo da vida. De Salvador para Campo Grande. Depois para São Paulo. De volta para a Bahia. Que anos sofríveis, não? Grana nenhuma, uma dureza justificada apenas pelo sua própria racionalização. Com os 51 anos batendo à porta, graduação em Direito, quando tive a honra e alegria de entregar seu diploma. Não cabia em si, lembra? Era tanto orgulho que transbordava. O resultado que chegava.

E que, há tempos, teimavam em não chegar. A riqueza que esperava de supetão. Foram algumas empresas, inúmeras empreitadas. A certeza de que o intelecto o faria voar longe.

De fato, invejava sua escrita. Tanto que quando me proponho a escrever minhas

parcas linhas, quase a única aprovação que busco é a sua. Curtiu? Como posso melhorar? Diz aí o que você acha, vai.

É que você escrevia bem demais. Aos borbotões. Uma genialidade de raciocínio que certamente serviu de modelo. Algo haveria de ser modelo, ora. Mesmo que o temperamento tanto lhe prejudicasse e relações precisassem ser constantemente refeitas.

Como a nossa um dia teve que ser. Uns dias. Algumas vezes.

Devo a você, meu pai, minha retomada com a Bahia.

Terrenos que passei também a apreciar. Fez eu me apaixonar perdidamente pela Chapada Diamantina. Tarde, você descobriu seu quinhão e sua geografia. Seria lá sua perdição. E tudo se fazia mais belo com suas palavras, seu toque a um lugar já mágico.

Lembra como eu saía a correr trilha acima, enquanto você fazia questão de conversar com tanta gente no caminho? Você gostava demais de uma palestra. Talvez anestesiado pela magia que você me fez absorver, dava de ombros às suas prosas e queria era estar na cachoeira seguinte, na corredeira atrás daquela pedra.

Sabe, quando olho para estes momentos percebo o quanto mudei nas ideias, no pensamento, na percepção das coisas. O maior ensinamento que poderia me proporcionar foi o pensar. Nunca aceitar palavras de ordem. Procurar o debate. Pensar por conta própria. No palco que você mesmo montava, não havia nada nem ninguém que o fizesse descer do pedestal. No que o Direito era bem a sua cara. Na mosca.

De um jeito que me faz, quem sabe um dia, enveredar pela mesma academia. Está vendo como você me puxa pro seu lado?

Algumas influências, sejamos honestos, não tão positivas assim. Culpa de meu avô, que o fez Vitória. Nos falávamos todos os dias. Overdose em dia do rubro-negro.

Iluminado que era, não deveria transmitir este tipo de injúria a novas gerações. Mas qual o quê!, seu neto se esbaldou na ida ao Barradão, vestido de Vitória.

Vovô Caranguejo. Que ficava beliscando o bumbum de meu filho enquanto fugíamos de seu ataque, ele nos meus ombros, rindo de se dobrar.

Porra, pai. E os seus netos?

Orgulhava-se tanto destes pequenos. Agora aqui, lágrimas encharcando o teclado, não consigo pensar em outra coisa. Dos seus netos que estarão privados de sua presença. De seu afeto bruto. De seu sarcasmo.

E eu que nem pude contar como foi a final do basquete nos Jogos Olímpicos? Ainda há tanto a se ver, caramba! E a Copa de 2018, nosso combinado de ir à Rússia?

Eu entendo... O cansaço pesou. A prioridade do intelecto sobre o físico. Mas não aceito. Eu odeio o descaso que te levou. Há muito de egoísmo nisso, claro. Egoísmo coletivo, diga-se. Nós é que ficamos aqui, órfãos. Eu. Meus irmãos. Seus netos. Amigos de Escola Técnica. Amigos novos e velhos. Colegas. Parentes. Todos.

Salvador perdeu tanto de seu encanto... Este pedaço de terra tem que ser ressignificado a partir de agora.

Lutarei para que sua voz não se perca. Que seu olhar não desapareça.

E na parte que me cabe neste latifúndio, você sempre viverá através de mim. Porque não poderá jamais haver maior influência em moldar quem eu sou que você.

Despedida é foda, meu pai. Dói demais.

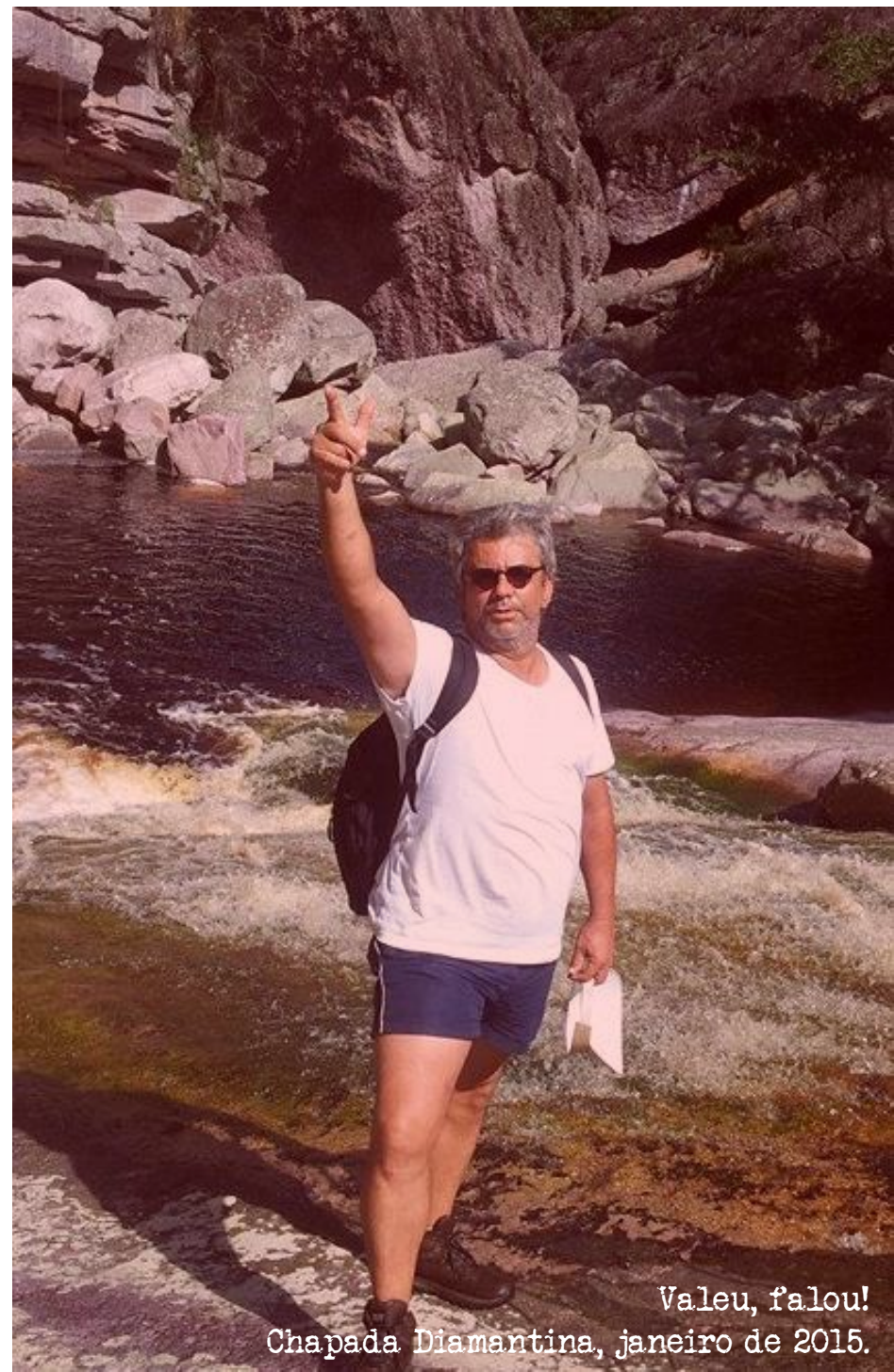
Você nunca serviu para pai-herói. Era demasiado humano pra isso. Era do seu jeito, e o melhor que eu poderia ter. Porque você era o meu.

Mais do que um pai, perdi o meu melhor amigo.

Te amo, seu sacana.

Meu pai se foi aos 25 de agosto de 2016. 53 anos de idade. Resultado de um prolongado descuido com a saúde.

Crônica escrita em 25 de agosto de 2016, no dia de sua morte.



Valeu, falou!
Chapada Diamantina, janeiro de 2015.

13

*Tempo ao
tempo*



De vez em quando ele aparece. Já são inúmeras as noites em que acordo assustado, sonhando com meu pai. Raramente como se vivo ainda estivesse, mas sim como se ensaiasse em seus últimos passos. O que teria escrito, o que teria falado, o que teria feito. Sua voz clara, sua escrita firme, seus passos. Truque da mente, como se real fosse, incapaz de discernir fantasia.

De vez em quando a saudade não cabe em palavras. Se fosse escrever o de que exatamente, dias correriam, minha paciência sumiria, alguns raros chegariam até o final. Para se perguntarem por que de tanto aquilo, quando o simples resolveria. De que? De tudo.

De vez em quando dói. Não sempre, apenas quando lembro. Segundo dizem, a dor nunca passa. Com o tempo, transforma-se nosso pesar em aceitar.

Tempo.

A vida continua, o fazer-se dia novo suplanta a cabeça vazia. Que quando se cala, é assumido o leme pelo que poderia ter sido. Pelo que ainda luta para estar presente.

Segue-se o rumo.

Melhor assimilar a canção de que tanto meu pai gostava, Oração ao Tempo, de Caetano Veloso. Ponho-me a pensar que seguir a vida seja, simplesmente, compreender a marcha e ir tocando em frente.

Sabendo que para frente é que se anda, mas sem nunca esquecer o que ficou para trás, aquilo que nos formou gente.

O equilíbrio tênue entre o quanto se olha em cada direção.

Tempo.

Não haverá linha a ser cruzada, cartaz de informando o atravessar de fase. Apenas será. No lugar onde a dor se torna sorriso. Onde a falta se torna lembrança.

Onde a mensagem é repassada à próxima geração como aprendizado.

Tempo.

Sem saber o tanto, mas sabendo respeitar-lhe. Aprende-se o tanto, suponho.

Não me diga quanto, porque não sou chegado a livro-texto. Apenas passe, arrume o prumo. Comprometo-me a lhe deixar entrar, a fazer-lhe sala.

A sentir-lhe o bafo inexorável do inevitável.

E torcer para que eu tenha capacidade de identificar o ponto em que sua obra se completa e poder estar em paz com seu construir.

Impossível cantar a música abaixo sem que me embargue a voz. Um porto seguro no que quando arte a tornar-se ombro, a materializar-se em agora. Os dois primeiros versos são, para mim, o maior elogio que algo pode ter. Do álbum “Cinema Transcendental”, de 1979.

Oração ao tempo

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo Tempo Tempo Tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo Tempo Tempo Tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo Tempo Tempo Tempo
Quando o tempo for propício
Tempo Tempo Tempo Tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo Tempo Tempo Tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo Tempo Tempo Tempo

O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo Tempo Tempo Tempo
Apenas contigo e migo
Tempo Tempo Tempo Tempo

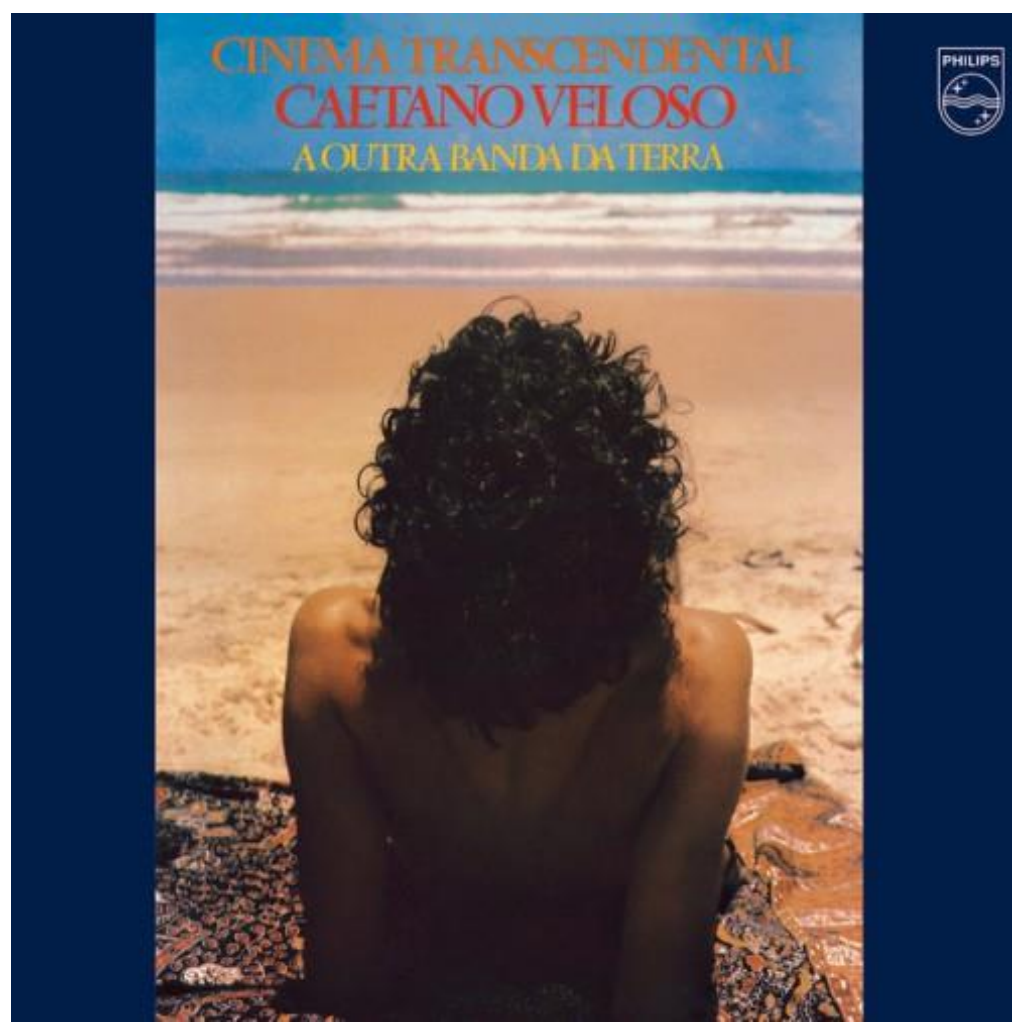
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo Tempo Tempo Tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo Tempo Tempo Tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo Tempo Tempo Tempo



Assista à versão de Oração ao Tempo no álbum Ofertório, de 2017.



16

*O que aprendi
com a morte
de meu pai*



É sempre possível aprender algo mais

Eu estava a caminho de um evento logo cedo quando o meu celular tocou. Nem ainda 7 horas da manhã eram. Do outro lado da linha, Angélica – sua esposa que o acolheu com toda ternura que dela transborda -, com voz em desespero me dizia que haviam ligado do hospital e que ela devia ir para lá. Mais não disseram. Foi angustiante hora e meia até a confirmação do inevitável: meu pai tinha morrido.

Ali mesmo comprei as passagens e em mais algumas horas chegamos a família toda exilada em São Paulo à velha cidade da Bahia. Nessas horas, a gente dá uma de São Tomé, só acredita vendo. E eu vi.

Desabei.

Neste um ano que se completa hoje, dia 25 de agosto de 2017, aprendi algumas coisas. Sobre meu pai, sobre a morte e, em especial, sobre a minha relação com a morte e com meu pai.

Relato escrito em 25 de agosto de 2017, publicado também no [Morte sem tabu](#), blog da Folha de S.Paulo.



Eu e Painho, em sua formatura em Direito, pela UFBA. Salvador, 2015

DA PREPARAÇÃO

Nós nunca estamos preparados para a morte. É uma gradação entre a surpresa que nos pega pelos pés e uma possibilidade bem grande de que aconteça, mas nunca para a consumação do inevitável. Convivemos com cerca de um mês de UTI e internação, com uma infecção que não cedia, com médicos sempre externando preocupação. O caminho da aceitação estava sinalizado. Por mais que estejamos cientes, tem um bichinho que gruda na cabeça da gente e não larga: a tal da esperança. Enquanto houver vida, há expectativa de que assim continue. Recebemos conscientemente as informações e inconscientemente as transformamos em exceção: com ele vai ser diferente.

DO ESQUECIMENTO

A gente vai esquecendo. A fisionomia vai sumindo. Como era mesmo que ele dizia? Aquela história... foi ali ou acolá? E quando foi? Lembrar vai se tornando tarefa cada vez mais árdua. Reside aqui o que acredito ser uma das maiores dores do luto: a certeza do sumiço. Evaporamos. Somos, e num estalo cósmico, deixamos de ser. Vez ou outra, vasculho os baús por ele, físicos ou metafóricos. Por vezes me surpreendo, noto um detalhe que passou despercebido. Enxergar o escondido faz parte do trabalho de manter sua feição jovem em minha mente, brilhante, presente. Viva. Remexo o quieto por saudade, por vontade, por qualquer coisa que o valha, mas, principalmente, para que ele não desapareça.

O pior, no entanto, é a voz. A fotografia capta o instante. E a voz? Estejam certos: a fotografia é commodity: todos têm e é fácil de achar. A voz, contudo, é artigo raro.

E dói, me dói profundamente, agonizantemente, que eu duvide ser capaz de reconhecer sua voz aqui neste instante, se do nada aparecesse.

A gente desaparece pela fala.

DA MEJAMORFOSE

O luto passa por processo de mutação extravagante. Não vou dizer que se esvai. Ele tão somente muda de rosto, passa da dor à saudade nostálgica. Aqui habita o maior sofrimento do luto recém-adquirido: sabemos que um dia deixaremos de chorar a morte. Como podemos nos permitir aceitar que não lidaremos com aquela dor lancinante e que é tanta prova de amor?

Saiba: não é o tamanho da sua dor que garante proximidade, nem o tanto que se chora, nem o quanto nos vemos empacados. Não existe competição nem comparação. Transparecemos de maneiras diferentes e, assim como externamos nossa dor de acordo com nossos mecanismos de enfrentamento, também evoluímos em tempos diferentes.

O tempo é senhor de todas as coisas. Cura (quase) todas as feridas.

Saímos, portanto, da dor à saudade. São faces da mesma moeda. Nenhuma é todo: a dor, no máximo, adormece, com radar ligado esperando a oportunidade de despertar. E vez outra, aqui e ali, ela emerge, lutando num yin-yang confuso, engatilhada por qualquer coisa que naquele momento faça sentido.

DAS ESCOLHAS

É matéria de coisas bonitinhas de leito de morte: o arrependimento humano que se abate naqueles em despedida. Confessam pecados, admitem que fariam coisas diferentemente. O que não contam é que há sempre o lado nem tão bonito assim – e que coisa estranha essa de se extrair beleza do leito de morte alheio. A morte nos reencaixa nos eixos quando sentimos seu bafo e seu mau hálito. “Eu vi a cara da morte, e ela estava viva” disse Cazusa. Quem não vê a cara da morte não muda porque, bem, porque não mudamos a não ser que algo reestruturante demais nos caia sobre as cabeças, algo que possua significado pessoal e intransferível. Justificamos histórias dos outros para impulsionar desejos que já possuímos. São confirmações do possível, dentro da autodeterminação.

Esqueceram de contar que passamos a vida fazendo escolhas. Decidir por A é necessariamente não decidir por B. No fim da vida, todos colocamos as coisas em uma perspectiva diferente. A finitude exclui o planejamento; tudo é passado. As escolhas que fizemos serão sempre questionadas, não importa quais sejam. A alternativa escanteada possui o selo eterno da perfeição, ainda mais quando confrontada com a hesitação da decisão tomada. Podemos assimilar, assim, que “passar mais tempo com os filhos” seja tão possível de ser balbuciado quando da hora final quanto “ter dado uma vida melhor aos meus filhos”, e podem até significar a mesma coisa.

Não se refaz a história; no máximo fugimos, varrendo-a para debaixo do tapete. Melhor é ir-se com a confiança de ter feito o que era possível.

O mesmo vale para quem prolonga a estada neste mundo sem sentido. A forma como nos lembramos de quem se foi cabe somente a nós mesmos. E existe uma escolha sobre como esta lembrança será armazenada.

Escolhi a certeza de que vivemos a vida que foi possível termos vivido. Esta é a única contabilidade potencialmente justa.

Esta escolha aplaca e acolhe todo o resto. Transforma a dor em saudade e em sorriso. Fagulha em neurônios, reativando memórias esquecidas. E pavimenta a estrada, preparando-a para que caminhemos sempre juntos, eu e ele, não como peso ou fantasma, mas como companhia indispensável, porque ele é parte fundamental de mim.

Amei-o com toda a plenitude que poderia.

Ele faz falta.

E tenho profundo orgulho da pessoa que ele era, da relação que construímos, e de quem eu sou hoje também por causa dele.

“

**ESCOLHI A
CERTEZA DE QUE
VIVEMOS A VIDA
QUE FOI POSSÍVEL
TERMOS VIVIDO.**

”

23

Muito à frente
de seu tempo



Foram muitos os negócios que meu pai tentou empreender na vida. Editora. Livraria. E a Bolsa de Veículos.

Estamos falando do começo dos anos 90. Não existia internet. Não existia celular. Computador era negócio raro.

Ele sempre foi comercial. Vender é o ápice do convencimento, e nisso ele se refestelava. Trabalhou desde cedo em concessionárias de veículos, fez muitos contatos. De lá encontrou uma necessidade de mercado: saber preços médios de automóveis.

Foi o início da Bolsa de Veículos.

Juntava os preços dos veículos, mensalmente, e mandava para as concessionárias assinantes. Sabe a tabela de preços do Jornal da Tarde? Sabe a FIPE? Era exatamente o que vendia. As lojas, conseqüentemente, ajustavam seus preços, negociavam compras se baseando nas margens possíveis dado o preço final ali estipulado.

Com o tempo, evoluiu o negócio. Começou com 14 lojas, chegou a atingir centenas. Mais de 90% das revendedoras de veículos de Salvador e de Feira de Santana eram assinantes. Atingiu tanta gente assim quando passou a, além de mostrar o preço médio, a divulgar os estoques de cada uma das lojas semanalmente. De poucas páginas, passou a ter dezenas de páginas. Cada assinante tinha o espaço para divulgar o seu pátio. Mudou o software. Saiu a impressora matricial, entrou a impressora industrial para imprimir em papel enorme.

Grampeei muitas edições. Tudo feito no quarto de casa.

Sabe Webmotors? Era o que se propunha a fazer.

Para os comerciantes, mais uma vez, informação valiosa. Qual a margem praticada de preço para cada veículo? Que veículo

“encalha”? Se eu tiver comprador prum carro que não tenho no pátio, quem tem, por qual preço e como posso partilhar comissão?

Era um negócio interessante. Mas para quem tivesse tino de administração.

No ano de 1995, mês de setembro, botou pra frente a Feira Baiana de Veículos. Juntou todos os assinantes e mais alguns outros no Parque de Exposições em Salvador. Muita gente. Apareceu até na TV, dando entrevista em bancada, reportagem no local. A maior parte dos revendedores saiu muito satisfeita. Um deles, na Vasco da Gama, que sempre tinha carro em baciada e eram mais caros, disse nunca ter vendido tanto. Veras Veículos, lembro bem do nome.

Quase todo mundo ganhou dinheiro. Menos meu pai. O tal do tino que não possuía.

Seis meses depois refez a Feira. Pensou ser a chance de corrigir os erros de arrecadação da versão anterior. Mas aí o fator descanso pesou: Salvador, naquela época, não comportava outro evento de tal porte em tão pouco tempo.

E o que era buraco virou poço. Foi o fim da Bolsa de Veículos e da vida em Salvador. Seguiu com minha mãe para recomeçar em Campo Grande logo na sequência, filhos foram apenas no fim do ano.

FIPE. Jornal do Carro. Webmotors.

Prefiro racionalizar que ele pensava muito à frente do seu tempo.

Crônica escrita em 21 de setembro de 2016

25

Alô, além



Meu telefone tocou. Era um número que eu conhecia, mas que jamais poderia esperar que ainda existisse. Atendi ressabiado.

“Oi, filhinho!”

Tomei um susto gigantesco. Trote? Que brincadeira sem graça da zorra.

“Sou eu mesmo, ora.”

Eu nada entendia, sentido não fazia. Afinal, havia um tempo eu tinha conduzido sua caixa de não mais ser. Ele provou. Mandou fotos jogando tênis num parque, num dia de sol.

“Mas... como?”

Eu tentava criar meada naquilo. Sua voz chegava, conversava, mas quando tentava explicar... Um interruptor do consciente foi ligado, e despertei de um sono profundo, assustadíssimo. Ouvi novamente a voz de meu pai, vi seu rosto, e ele estava feliz.

Demorei um tempo para pegar no sono novamente. Queria ter por mais tempo a lembrança de sua voz ali perto, que chegou tão efêmera, pegando-me de guarda baixa e sem preparo.

Diz meu amigo Daniel Fonseca que minha voz lembra a de meu pai. Recentemente foi seu aniversário. Liguei e ele, que há pouco voltou às origens e em Salvador se instalou saído de São Paulo, atendeu.

“Oi, Dandan!” Saudei-o pelo apelido que tanto não gosta. Ou gosta, na verdade. Disse-me ele, num café em portentosa e sobreprecificada padaria paulistana, que assim meu pai a ele se referia. Dizia “não gostava nem um pouco, o que fazia ele só me chamar assim o tempo inteiro”, ao mesmo tempo que exibia um descarado sorriso. Ah, gostava, sim, senhor! Está querendo enganar quem, Dandan? Ele, matando de primeira, já emendou um “rapaz, é impressionante como sua voz agora me fez lembrar de seu pai.

Fiquei todo arrepiado aqui. Por um segundo achei que era ele!” Conversamos, demos risada. Ele, então, pede para que eu fale com sua mãe, do mesmo jeito de antes. “Tem que ser o ‘oi, Dandan’, certo?” “Certo.” A mãe dele pega o telefone, eu solto a frase da ressurreição. Ela silencia, entrega o telefone de volta para ele. Ele retoma “ih, rapaz, quê que eu faço agora? Minha mãe tá chorando.”

A esperança do retorno impossível não se esvai. Ela emerge exatamente no momento do não preparo, dos braços baixos, do peito aberto. Aquela fração de tempo em que realidade e fantasia se misturam e não conseguimos discernir se fato ou se faz de conta. Devastador é o efeito provocado, pela intensidade do que se instala. Num primeiro momento, a incredulidade, a euforia!, a esperança no leme do pensamento; noutra, o consciente toma para si a direção, diz que não pode ser. Dizima e esfarela a esperança. E assim vamos ao chão, porque nossa esperança se vê impossível, não mais é. Vemo-nos imóveis e impotentes diante da estabilidade impassível da morte.

Não entendo que meu pai viva por mim, tampouco por mais alguém. A eternidade da memória se faz no compartilhamento, está em todos em que ele tocou. Para cada um, talvez gatilhos sejam mais poderosos que outros, uma frase que só ele dizia, o sobrenome, um gosto parecido, no que nossos cérebros aproximam as referências não necessariamente próximas, mas unidas porque assim tem que ser, porque assim as coisas fazem sentido, porque assim se completam e se encaixam.

Pego-me torcendo para que o sonho volte. Que na fronteira da realidade eu o encontre, ouça sua voz ao vivo, veja-o, conversemos, troquemos confidências e atualizações, as novidades boas e as não tão boas. É o alento pelo surreal contato do possível disfarçado de realidade.

No fim, trata-se apenas de um sonho entranho a me lembrar que ele faz falta.

27



*Bolinha de
areia*



Meu pai era bicho pirracento. Alegria da vida era pirraçar os outros. Torcedores do Bahia, então, era a glória. E não podem acusá-lo de agir diferentemente em casa e fora, porque não era nem um pouco assim.

Crônica escrita, com mais causos na sua versão original, em 14 de março de 2017.

Belo dia, aproveitávamos a praia em Salvador eu e meu irmão. Crianças, devia eu ter 5 e meu irmão 3, ou coisa assim. Melhor que seja assim, porque se mais velho, a pecha de abestalhado se encaixa e pra tirar, haja trabalho.

Meu pai deitado numa cadeira de praia, minha mãe ao lado.

Isso, aposto, ele aprendeu com meu avô. De repente, ouvimos ele nos chamar. E lá íamos os dois.

– Olha o que o papai fez pra vocês!

Em cada uma de suas mãos, bolinhas de areia, redondinhas. Criança é bicho besta, acha tudo legal. Aeeeeeee!

– Mas tem um problema. Ela tá suja. Tem que ir lá no mar lavar.

– Paulo, não faça isso... Já se virava para ele minha mãe, antecipando a desgraça.

Veja bem, me dê um desconto aí. A gente era criança e tal...

De lá saímos correndo para a água, tomando cuidado para não derrubar tão portentosa obra de arte, que só necessitava acabamento, uma lavadinha de leve.

Foi menino pôr a mão na água que a bolinha de areia se desmanchou por completo, virando um nada.

E então toca menino a voltar, chorando copiosamente, com apenas um punhado de areia molhada na mão, para deleite de meu pai, que vivia exatamente para esse tipo de situação.



29

*Bancada,
bancada,
bancada*



No cimento da arquibancada a relação se eleva

Tenho poucas lembranças da infância. Não lembro de passagens por anos a fio, apenas *flashes* aqui e ali, soltos. Um local, no entanto, se faz presente em várias instâncias, junto com a escola: a arquibancada de um estádio de futebol.

Minha primeira memória nele se encontra, ou ao menos ensinei-me que assim era – e vai lá saber da veracidade do registro. Assim, atesto que verdade é se assim ela parece.

Se o Maracanazo de 1950 criou o mito de que todos estavam presentes ao estádio naquele dia, evento semelhante ocorreu em Salvador no dia 12 de fevereiro de 1989. Nesta data, Bahia e Fluminense jogavam pela Copa União de 1988, na campanha do título do tricolor baiano. E, fez-se o registro em minha mente: eu estava lá.

Na época era comum que torcedores de um time fossem com amigos a um jogo do rival, pela festa, pelo acontecimento. Então, em 1988, meu pai, Vitória convicto, topou ir com amigos para ser testemunha ocular da arrancada final do Bahia. Amigos esses que retribuíram a gentileza em 1993, nos acompanhando no Brasileiro daquele ano, bem como em muitos outros anos mais. Lembro-me (lembro mesmo?) de estar espremido com meu pai no mesmo degrau de bancada ali onde a torcida mista fez morada nos idos de civilidade futebolística.

Segundo o sociólogo brasileiro Gabriel Cohn, “Sociólogo no Brasil que não tiver os fundilhos das calças puídas pelas arquibancadas não entenderá este país.”

Dou vez ao xará para dizer que minha relação com meu pai pode ser redefinida pelo cimento da arquibancada.

A minha infância de relação complicada era sempre deixada de lado num estádio de futebol. Forjamos nos degraus dos templos do futebol algumas de nossas melhores histórias.

Vimos juntos em 1993 as semifinais e a final do Brasileirão.

Vimos Raudinei e sua crueldade medíocre destruir o título que estava ganho.

Subimos os barrancos enlameados do entorno do Barradão quando, muito antes das obras de agora, testemunhávamos os postes queimando o gás tóxico do ex-lixão redirecionado.

Perambulamos por Pituaçu, quando lá se marcava o baba.

Desacreditamos do que nossos olhos apontavam, o 7 a 2 sobre o Palmeiras, pela Copa do Brasil de 2003.

Moreirão, em Campo Grande.

Parque Antártica.

Pacaembu.

Morumbi.

Nova Fonte.

Muitos, muitos jogos no Barradão.

Ali resignificávamos a história, como se começássemos do zero a contagem, perdendo o que quer que fosse, abrindo espaço para novos roteiros.

O cimento duro da arquibancada moldou caráter, moldou modo de ver a vida. A plateia do espetáculo do futebol se tornou, para mim, espaço de compreensão, aceitação e entendimento.

O valor do esporte não está nas cifras, nem nos esquemas, nem nada dessas miudezas

que esterilizam o palco para que só se tenha vez o dispêndio financeiro e a lobotomia do jeito de torcer. Importa a paixão, as relações humanas, aquilo que faz de cada interação especial e significativa.

Tomamos a chuva bíblica de 2009 na final do campeonato baiano, e de lá vimos também a de 2010, no repeteco pro tetra.

Em 2013, último ano de felicidade boleira rubro-negra e brasileira, o que é exatamente a mesma coisa, assistimos das cadeiras estéreis da Nova Fonte o Brasil sapear 4 a 2 na Itália pela Copa das Confederações.

Nas arquibancadas de um estádio de futebol éramos felizes e sabíamos, independentemente do placar.

No dia 26 de março de 2016, um novo ciclo de torcedor se fazia. O 3 a 0 sobre o Flamengo de Guanambi são absolutamente irrelevantes. Era dia de outra festa, mais significativa.

Fomos eu, ele, minha esposa, um amigo torcedor do Bahia, que topou o passeio com a filhota para ver meu filho, Alexandre, ser iniciado nas arquibancadas do santuário rubro-negro, no dia da estreia de Kieza.

Subindo e descendo as arquibancadas com o vigor característico de uma criança de quase 5 anos e pedindo insistentemente para entrar em campo, meu filho se esbaldou e se declarou Vitória para sempre.

Este jogo foi o último de meu pai no Barradão. Despediu-se de sua casa, como ano antes, comigo também, se despedira da Chapada Diamantina. Cinco meses depois daria seu último suspiro.

Ali se deu nossa despedida presencial, enquanto lúcido. Nela, uma vez mais ressignificamos nossa história, com a conversão irremediável do neto à sina rubro-negra.

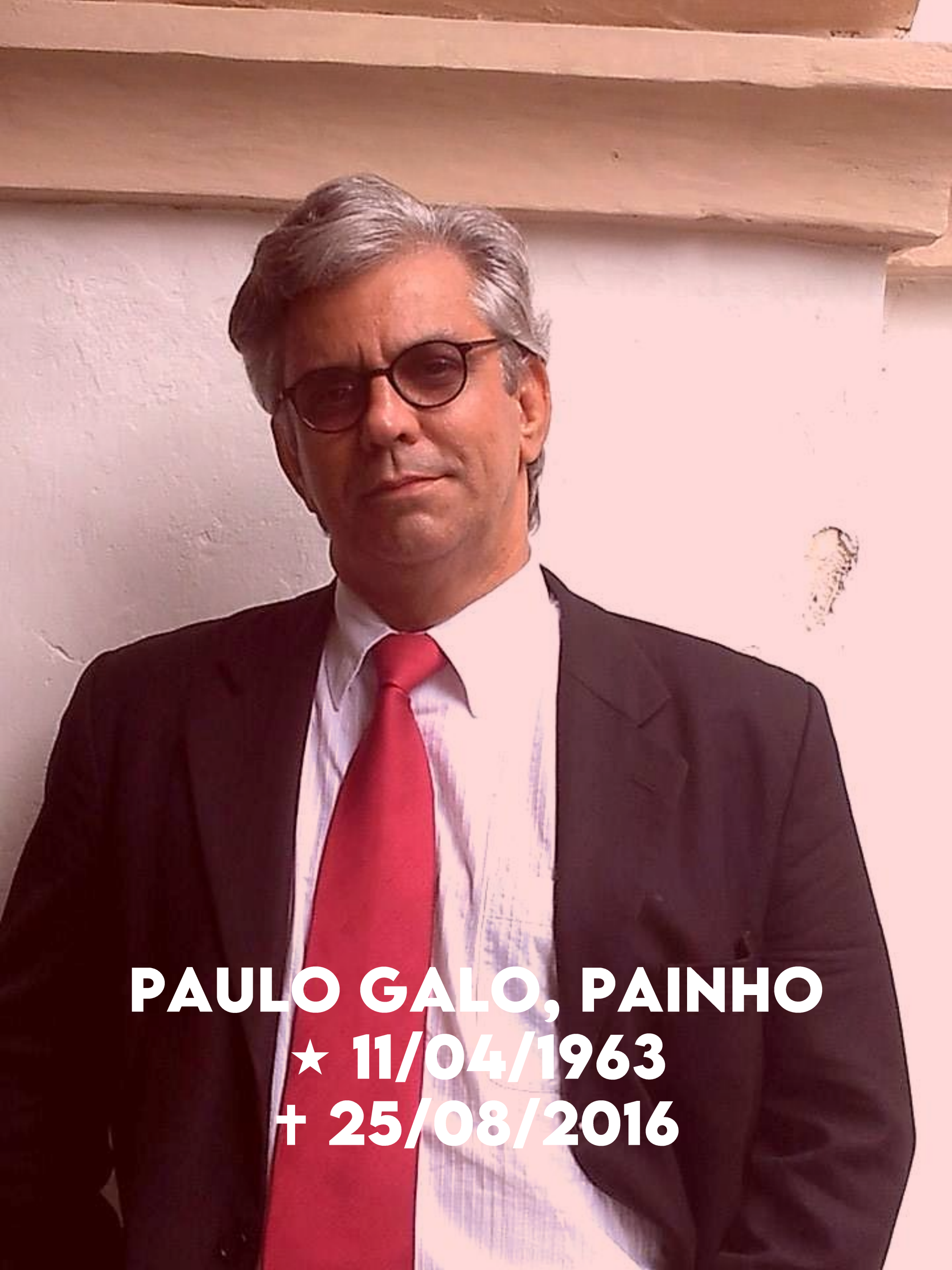
Talvez fosse ali o ponto final de um trabalho finalizado, de formação completa.

É lindamente simbólico que o adeus em presença tenha ocorrido na bancada do estádio que aprendemos a amar, que também se ajustou e evoluiu, elevado a muito mais do que o espaço original poderia sugerir.

Pra sempre teremos o cimento duro da arquibancada a puir os fundilhos das nossas calças, o sorvete de cajá, o amendoim cozido, os cânticos, o foguetório, seus trejeitos estranhos de torcedor, tudo ornando para dar ponto final às atribulações prévias, compreender a barca e ir tocando em frente.

Foi lindo demais. E está sendo cada vez que vou com meu filho a um estádio de futebol, para que ele aprenda que ali é território sagrado de aperfeiçoamento de bem-conviver.





PAULO GALO, PAINHO

★ 11/04/1963

+ 25/08/2016

— *letras de meu pai*

34



Bater um baba



Aqui se bate um baba porque jogar futebol até europeu sabe fazer.

Incuteido é bicho que sofre, diria um velho amigo, nascido em Uauá, sertão da Bahia.

Passei os últimos dias tentando encontrar uma pista, uma raizinha etimológica que fosse para explicar-me a origem histórica da expressão baianíssima “bater um baba”, que equivale a jogar bola.

Liguei pra alguns amigos, o Paulo Leandro inclusive, e nada, um mistério.

Aí surgiu uma pista, de um paraibano aperfeiçoado na Bahia, Eduardo Braz, que atracado a um valente caranguejo, ontem à tardinha, afirmou que isso tinha a ver com a “baba” que produziam as antigas bolas de couro, quando molhadas. Menino danado, esse Dudu.

Cheguei em casa e ordenei a busca aos robôs do Google, que me trouxeram, por exemplo, a entrevista de um antigo goleiro do Atlético Paranaense, o Altevir, em que ele falava das bolas de couro de seu tempo, que ficavam lisas (gosmentas mesmo, parecendo baba de quiabo) e pesadas com a chuva que elas absorviam. Bingo, a primeira parte do mistério caíra por terra.

Restava, porém, entender o porquê dessa solução linguística para designar uma simples brincadeira esportiva, essencialmente informal. Essa parte foi menos espinhosa, mas certamente mais divertida.

Na terra onde a dissimulação revestiu-se como estratégia necessária de sobrevivência, os baianos desenvolveram fórmulas incríveis,

também do ponto de vista linguístico, para afirmar coisas com sentido diverso do aparente. A capoeira – com seus golpes tramados na manha, na dissimulação – e o “sincretismo” católico-iorubá, são dois dos muitos exemplos do que se valeu a cultura negra para resistir ao massacre de que foi vítima.

Enquanto os cariocas e paulistas chamavam os amigos, em priscas eras, para “bater uma pelada”, os baianos juntavam a turma para “bater um baba”. Ou seja, enquanto a expressão sudestina alude a um atributo da bola (“pelada”), a versão baiana trata de um atributo do atributo (a “gosma” da “pelada”). Nada de ir direto ao ponto, pois.

Esse é um dos traços que fazem dos baianos, ainda hoje, a mais perfeita expressão do olhar oblíquo, insuspeitado e absurdamente criativo dos brasileiros. Formado de capas e mais capas, desafia a obviedade e ri da objetividade.

Compreender os baianos, notadamente os do recôncavo, é buscar os reflexos, os signos disfarçados, a coisa dentro da coisa, o sentido real nas roupas do visível.

Aqui se bate um baba porque jogar futebol até europeu sabe fazer.

Crônica escrita por meu pai em 6 de janeiro de 2013. Em 14 de janeiro de 2019, pedi licença ao usual e cedi (lá elíssimo) o espaço da minha coluna no Correio da Bahia. Dizia Painho, grande incentivador para que eu enveredasse pelo caminho das letras, que um de seus sonhos era ser publicado na imprensa baiana. Esta crônica merecia, decerto. Pronto, painho: taí.

36

*Mutá, Esparta
e cachaca*



No Mutá, o mundo tem outra configuração

Quem é ou foi menino em Mutá cresce olhando pro fiofó de Itaparica.

Explico. O pequenino Mutá tem menos de 1.000 habitantes é um dos distritos de Jaguaripe, na Bahia. Ladeada por metrópoles do mesmo quilate -Cações e Pirajuaia- e espremida pelo mar e pelo mangue, Mutá fez parte da minha infância quando meu pai foi transferido pela General Motors para a Bahia. Depois voltamos pra São Paulo e mais uma vez pra Bahia mas isso é uma outra história.

Por onde ia...ah, o fiofó. Da praia avista-se em frente a pequena ilha da Cal, propriedade particular de um certo dr. Sturaro e atrás desta a ilha Matarandiba, na contra-costa de Itaparica; à direita e ao longe a ponte do Funil, que liga Itaparica ao continente baiano, caminho para Nazaré das Farinhas. À esquerda, o mar que trazia os navios da Baiana, vindos a costear o lado itaparicano da Ilha, em oposição à costa de Vera Cruz.

Muito bem, meus pais compraram uma casinha nesse lugar pra fins de veraneio. Era terminar as aulas e lá seguia Dona Maria da Glória com sua filharada pra passar dois ou três meses em Mutá, enquanto meu pai ficava em Salvador trabalhando, para somente juntar-se aos seus nos finais de semana.

Como toda região de mangue, aquele lugar é exuberante pela riqueza de seu meio ambiente, que acolhe a simplicidade e elegante cordialidade dos seus pouquíssimos habitantes, que têm na pesca e no marisco sua principal fonte de alimentação e na

frequência dos veranistas sua fonte de pequena renda.

Os veranistas faziam do inigualável banho de mar (quando a maré estava alta) e dos longos passeios pela praia (possível na maré baixa) suas principais atividades. Mas tinha outras coisas pra fazer -ou não fazer. Pescar, catar caranguejo, tomar banho no Rio Grande, visitar os povoados vizinhos. Um *dolce far niente* lerdo e bom. Mas acima de tudo prosear com moradores, outros veranistas e visitantes ocasionais. A prosa era senha para viver Mutá. Pés no chão e trajes de praia -mesmo não estando lá- durante o dia e roupa (pouca) a partir do entardecer, prosear lenta e gostosamente era a garantia de uma convivência pacífica, suave e não raro divertida.

Como no dia em que Maria das Dores, ou melhor, Das Dores, ou ainda Dasdô, moça da terra que acabara de parir seu sexto filho, chega com a criança no colo na porta do Álvaro, onde eu me encontrava sentado a tomar cachaça com caju e sal, uma espécie de rito que acompanhava essa celebração de convívio que havia nos finais de tarde, ora na casa de um, ora na casa do outro. Mas sempre com as cadeiras à porta.

— Dr. Álvaro, queria muito que o senhor batizasse esse meu filho que acabou de nascer.

— Com todo prazer Das Dores. Que dia vai ser?

— Domingo que vem, cinco horas.

— Tá bom vou estar lá. Como é o nome do menino?

— Sei ainda não, o senhor não quer dar um nome pra ele?

Tive um pequeno aperto no coração nesse momento. Álvaro era um velho advogado, com fumos de jurista e fala impoluta antes da terceira dose. Pressenti o desastre.

— Das Dores esse menino vai ter nome de rei. Vai se chamar Cleomenes, que nem o rei de Esparta.

- Creo o quê, dotô?
- Cleomenes, repita comigo: Cle-o-me-nes

Repetiu. Umas cinco vezes e foi embora.

- Álvaro, esse nome... Não sei, não... Não é meio complicado pro vernáculo de Dasdô?
- Galinho, esse é o sexto filho dela. Cada um teve um pai diferente e a mulher taqui em Mutá, catando marisco. Analfabeta de pai e mãe. As chances sociais desse menino são praticamente zero. Que tenha pelo menos no nome algo de grandioso!

Amigo conhecido pela elegância e pela vaidade intelectual, preferi não insistir no assunto e voltamos pra garrafa de pinga.

Corta para cinco anos depois. Lá estava eu novamente à bordo de uma garrafa de pinga comprada na venda de seu Zeca, um cesto de cajus e um pires de sal, refestelado na porta de casa a ver o, digamos, movimento da rua ao fim da tarde. Passava um e dizia

“boa” e outro e outro. Alguns deles já bem mamados. Quando no fim da rua avisto Das Dores, com outro menino em um braço e a mão nas cadeiras, olhando pra todos os lados a gritar:

– Ô Creôôômi, onde é que tu tá menino?!

Devia estar em Esparta. Ou no mangue logo ali perto, quem sabe, né, Álvaro?

Esta crônica foi publicada no finado Blog do Galinho lá pelos idos de 2007. Nos comentários informaram que Creômi resolveu que se chamaria André Luiz, porque há um certo limite na aceitação de menino homem. E ele até que prosperou, vejam só. Com Cleomenes, havemos de concordar, é que não teria chance.



39

*O enterro de
Bacurinha*



Crônica escrita em 24 de maio de 2007

Nenhum acontecimento, por mais espetacular que fosse, seria capaz de abalar a rotina de Mutá, cantinho da Bahia onde o lento passar do tempo foi levado às últimas consequências. Notável vocação para o prosaico, para o suave vagar das horas. Rápido, mesmo, só aratu em pé de mangue.

Mas nem mesmo a inadequação do espetacular ao cotidiano de Mutá foi capaz de não provocar um certo rebuliço entre seus habitantes e veranistas quando Bacurinha morreu.

Figura lendária do lugar, era querido por todos. Boa prosa, prestativo e ótima companhia para uma garrafa de pinga com caju e sal, Bacurinha morreu aos poucos, consumido pelo cigarro. Suas outras mulheres, moradoras das vizinhas Pirajuía e Cações em nada contribuíram para o seu fim. Ao contrário, fizeram feliz sua existência, até o seu fim.

O gosto pela pinga também não merece o crédito. Nunca foi visto às quedas, derrotado pela manguaça. Bebia todo dia, é verdade, mas nunca parecia exagerar, embora muitas vezes tomasse tudo o que podia.

Tava mortinho, mortinho na manhã de uma segunda-feira de carnaval. Completaria 65 anos no dia seguinte. Brevíssimas lágrimas e lá se pôs dona Nicinha a organizar imediatamente o velório do marido na sala da casinha humilde.

“Cadê a porra do caixão que não chega pra gente enterrar esse homem, meu deus?”,

perguntava Edson, veranista amigo do casal e vizinho de cerca. Deusdete, vereador em Jaguaripe, prometera trazer um o mais rápido possível. Mas rapidez era um comportamento estranho aos hábitos locais, como já expliquei, no que o caixão só foi chegar perto das seis da tarde. A essa hora, já tava todo mundo envergado com a cachaça servida por seu Zeca, dono da única venda, em homenagem a um dos seus mais assíduos clientes, ali estirado na mesa da sala, iluminado por pequenas velas.

O povo ia chegando, olhando o defunto, abraçando a viúva e indo cuidar da vida. Até aquelas duas mulheres, que não eram do lugar mas mostravam-se discretamente tristes.

Só quatro homens se apresentaram pra carregar o caixão até Pirajuía, onde ficava o cemitério, pouco menos de dois quilômetros dali. Tarefa mole –Bacurinha não devia pesar mais de 50 quilos– se eles não estivessem tão estragados quanto os outros. Mas não deixariam o amigo sem um enterro cristão, isso é que não! Seguiram pela estrada, que insistiu em balançar desde o primeiro passo.

Duas horas depois e mais duas garrafas de cachaça já tinham lavado as gargantas insaciáveis daquele féretro cambaleante. No caminho pararam dezenas de vezes pra aprumar a visão e brindar ao defunto. Numa dessas vezes, também, pra ir buscar o corpo, que rolou pro mangue após a queda do caixão, perto da curva da carambola.

Chegaram e foram direto pra casa do coveiro, passava das dez da noite. Sorte que restava pinga pruns três goles bem servidos, não fosse isso Toinho Coveiro não sairia de casa nem sob tortura. As palavras finais, ditas ao pé da cova por Edson resumiram o espírito iconoclástico daquele povo de Mutá: “Bacurinha, vá com Deus!”. E Bacurinha baixou, enfim, à terra, diante de cinco pares de olhos mamados. Merecia pelo menos a homenagem de Bethânia, Gal e Pavarotti, cantando Manhã de Carnaval.

41

*Saudades de
Naná*



Crônica escrita em 09 de março de 2017

Corria o ano de 1978 e nas veias de adolescente corria um turbilhão de informações estéticas, políticas e afetivas que marcariam toda a minha existência.

Na moldura da antiga Escola Técnica Federal da Bahia surgiu-me diante dos olhos encantados alguns dos mais importantes nomes da música brasileira, reunidos num conjunto de shows, a preços populares, que varreram o Brasil com o nome de Projeto Pixinguinha. Em Salvador, minhas retinas de menino conheceram o Teatro Castro Alves e, nele, gente como Cartola, Simone, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Sivuca, Rosinha de Valença e muitos outros.

Espetáculos que nunca mais esqueceria.

Como não esqueci que o show de Geraldo Azevedo, um desconhecido “ma non troppo”, seria aberto por um tal Naná Vasconcelos, que disseram-me ser um ótimo percussionista de Pernambuco.

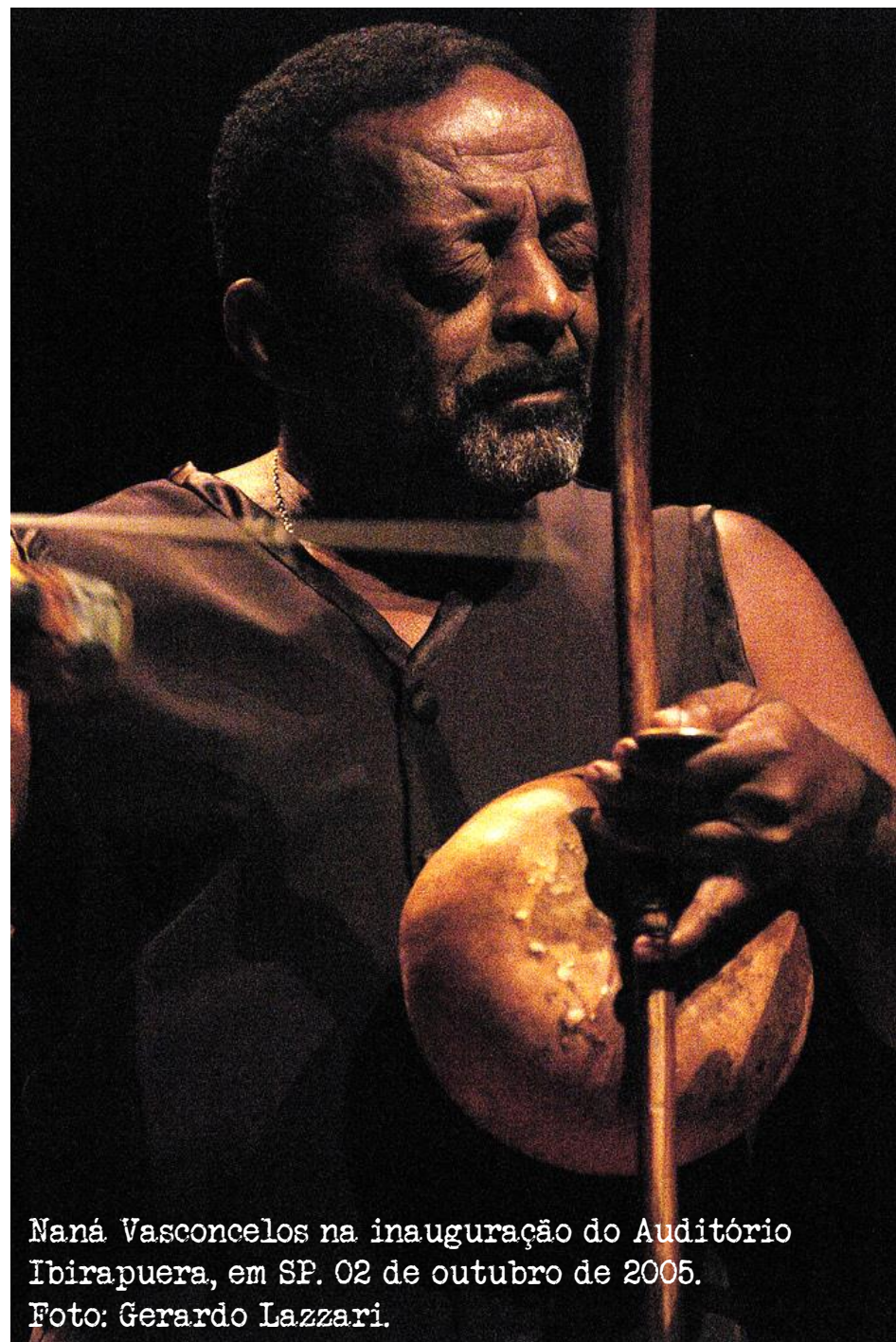
TCA lotado, um alarido ensurdecedor. Luzes da plateia se apagam, luz do palco acompanha a entrada de um sujeito baixo, que chega empunhando um berimbau e vestindo bata e calça branca. Palmas protocolares, o alarido permaneceu no mesmo de barulho, alheio à presença do músico, que além de pouco conhecido vinha tirar uma onda, via-se, de tocador de berimbau.

Em Salvador! Humpf!

O moço começa a tirar sons naquele instrumento. Menos de um minuto depois um silêncio sepulcral dominava a assistência. Naná tocou berimbau por quase meia hora, sozinho, ele e o instrumento e nem os suspiros eram ouvidos. Uma apresentação absurda, tava na cara que estávamos todos diante de um artista diferente, muito diferente.

Nunca mais deixei de ouvir Naná. Que bom que sua genialidade, reverenciada mundo afora, está toda aí, registrada, pra quem puder alcançar.

Fez um ano da morte de Naná Vasconcelos no dia 09 de março de 2017. Um mago da percussão.



Naná Vasconcelos na inauguração do Auditório Ibirapuera, em SP. 02 de outubro de 2005.
Foto: Gerardo Lazzari.

43

Ah, essas
moças...



Crônica escrita em 30 de junho de 2008

“Merda de inflamação do caralho”, pensava eu arrastando-me ontem da casa de Volney à casa de minha mãe, 60 metros com gostinho de maratona para quem tem um quadril em litígio com o fêmur, quando vi a rua Direita de Santo Antônio iluminar-se instantaneamente para que aquela morena passasse, em direção do velho Largo.

Picolé à boca, vestido predominantemente branco balançando por sobre um corpo exuberante e reluzente, que dançava ao ritmo dos largos quadris, extensão inversa de uma improvável cintura fina e seios na exata medida da palma de uma mão, da palma da minha mão.

Sua aproximação permitia observar o fino acabamento dos pés, mãos e tornozelos. Sabia das coisas Carybé, quando sublinhava gostosamente as extremidades delas.

Olhos doces, traços delicadamente esplêndidos à bordo de um par de sandálias baixinhas, a caminhar gostosamente em minha direção. Tudo em sua volta era reverência e contemplação.

Senti o perfume de seu pescoço quando finalmente cruzou comigo, no exato instante em que comprimia os lábios traçados por Di Cavalcanti no último pedaço do picolé.

Voltei o corpo para apreciar o *grand finale*, a bunda daquela mulata, que já mostrara-se larga ao vir e agora proeminentemente redonda ao ir.

Gostosa, gostosa, gostosa...

Bem antes que a visão não mais conseguisse me trazer toda aquela lindeza, fez-se noite em meu viver. Graciosamente, a moça descartou palito e embalagem ali mesmo, na franja da rua.

E seguiu, linda e indiferente ao meu desencanto.

Merda de inflamação do caralho.



Arte: Carybé

45

*Quando a
mentira se
veste de lenda*



Crônica escrita em 30 de junho de 2008

Foi num encontro de ex-alunos da Escola Técnica Federal da Bahia, no final do ano passado, que reencontrei um professor do curso de Geologia, anos sumidos das vistas um do outro.

“Ah, você mora no Santo Antônio, Galo? Que legal, minha família tem uma ligação histórica com aquele lugar, sabia? Meu bisavô foi quem destruiu, com um tiro de canhão, uma das torres daquela igreja. Ele era comandante da Marinha!”

Não entendi de onde vinha o orgulho dele diante do feito, mas também não dei muita bola, pressentindo que ouvia mais uma deslavada mentira promovida ao status de lenda após anos e anos de entusiasmadas narrativas.

Tão convicta quanto às que afirmam que a Igreja de Santo Antônio só tem uma única torre, onde está instalado o sino, por causa de um raio, que destruíra a outra torre, certa feita.

Junte-se a elas a “informação”, fruto de muita “pesquisa”, dada pelo dono de um boteco que fica no Largo, que assegura que a igreja foi erguida com apenas uma torre por que a Igreja Católica usava como critério de arrecadação para a Diocese exatamente o número de torres. Segundo ele, a tabela de preços era absurda para as casas de Deus com duas torres.

Pois foi que na semana passada conversava com um antigo morador do bairro sobre uma outra lenda baiana, a do Esporte Clube Bahia,

e tomei a decisão de tirar a história da torre a limpo. Fui procurar o velho pároco do Santo Antônio, Monsenhor Gilberto Pithon, em sua casa.

Gilberto foi o padre daquele lugar de 1975 a 2000, quando aposentou-se após 50 anos de sacerdócio. Mora ali mesmo, no velho Largo, cercado de lembranças e livros. É autor de 10 deles e tem profundo conhecimento histórico da paróquia e do santo.

Riu das histórias que lhe contei e rapidamente despiu-as exibindo documentos e fotos publicados em uma de suas obras, em que consta uma imagem feita da igreja no final do século XIX, quando ela não tinha torre alguma.

É isso mesmo, a 4ª e definitiva igreja erguida no velho Largo de Santo Antônio Além do Carmo para o louvor do santo – que era o padroeiro das forças militares lusitanas – simplesmente nunca teve duas torres. Sua única torre foi incorporada ao imóvel no começo do século XX, para abrigar o sino que está lá até hoje. Apenas isso.

Despedi-me do velho padre rindo dos heróis do passado e dos “historiadores” do presente. E com uma certa compaixão pelo professor, tão necessitado de fazer-se representado, de alguma forma, em atos que marquem a história de um povo, de um lugar. Mesmo que isso seja apenas uma mentira sincera.

Mas quem poderia reprovar-lhe o gosto da crença em uma lenda? Vivemos tantas delas diuturnamente ao registrar o que a imprensa publica, o que os políticos prometem fazer, não é mesmo?

Contribua com a mídia independente!



Pior: quantos de nós empenhamos tempo, energias, esperanças num amor que até as pedras sabiam que fora erguido com vigorosas lajes e colunas de sonho, prometendo uma vida feliz no futuro e entregando desassossego e frustração no presente?

Mentiras e seus estágios mais elaborados pelo tempo, as lendas, estão aí pra quem quiser contemplar e mesmo viver por conta delas.

Tá valendo também, só não pode é reclamar depois, dizendo que foi enganado, né?



Igreja do Santo Antônio Além do Carmo, em Salvador.



APOIE PAPO DE GALO

>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 5 reais por mês, um cafezinho apenas? Bora?

Quer contribuir de outras formas? Siga, compartilhe, assine a newsletter (só um e-mail por semana, se tanto). Tem contatos? Que tal me indicar para escrever em colunas, ou me convidar prum projeto seu?

Quer ajudar mais ainda? Me manda um e-mail e bora conversar!

— *Editorial 99*

50

*Nunca serei
Painho*



Se não Painho, ao menos serei papá

Recebo, pouco depois da meia-noite que inaugurou o domingo de Dia dos Pais de 2020, vídeos e fotos de meus filhos, descrevendo orgulhosos, seus desenhos de presente à distância.

Ambos vão discorrendo os detalhes, cada traço tem porquê, tem razão de ser. Ambos sorriem, minha filha mais que meu filho, que, mais emocional, demonstra estar coberto de saudades.

Pois é, filho. Eu também tô com saudade que não aguento.

Nestas férias de verão, quando se desenpirulitam da Patagônia para ver calor no Brasil, embarcamos em viagem para Salvador. Seria o primeiro contato direto de minha filha com a Bahia, enquanto meu pequeno até iniciado no Barradão já era.

Túnel do tempo.

Refrescávamos na piscina na casa de amigo-irmão da família na bucólica Jauá. Alexandre, que dali a 3 meses completaria 4 anos, fazia a festa. Algo, no entanto, incomodou meu pai. Ele, na piscina, me pergunta:

- Venha cá, Alexandre não fala palavrão, não, é?
- Oxe, claro que não, meu pai.
- Nenhum?
- Não.
- Então vamos resolver isso agora.

E o sacaninha virou sacana a viagem toda.

Mas, divago, voltemos para o começo deste 2020 e a viagem à Bahia.

Nos 11 dias em Salvador, eles viram e fizeram de tudo. Foram à praia, claro; visitaram a parentada toda, inclusive o último abraço em Seu Perez, meu Voinho; pediram ao Senhor do Bonfim, meteram até fitinha no pulso; andaram de ferry boat; estrearam em Mutá, com direito a passeio de lancha e tudo; mataram a saudade da avó que não viam há anos; se esbaldaram no acarajé, mas preferiram moqueca; ouviram o pai no rádio; viram o pai na TV; aprenderam a pra sempre chamar a vovó Angelica de vovó Angelica; pularam carnaval com os palhaços do Rio Vermelho; inventaram gritos de guerra no Barradão, com sorvete e pipoca; gritamos gol do Brasil num campeonato sub qualquer coisa, e ainda contra a Argentina!; curtiram demais.

Foi uma pequena amostra da Bahia para eles, uma breve conexão com a querência tão importante pro papai.

Mas, insista-se o tanto que foi, visite-se com a frequência que seja, há uma dorzinha importante: jamais serei painho.

Jamais ouvirei a doce e rouca voz de minha filha, desse tipo de gente impossível de dizer não, que pede sorrindo, me chamar de Painho. Nem a doçura maravilhosa de meu filho, me chamar de Painho.

Diz o pai de grande amigo que, quando foram morar na Bahia com filhos pequenos, que o primeiro Painho foi rechaçado, com ameaça implícita, para nunca mais retornar àquela casa.

Qual o quê!

Queria era eu poder ter e viver ainda mais as coisas da Bahia com meus filhos, sem cortar possibilidades.

Queria eu tanta coisa com eles...

Mas hoje somos só saudade.

A despedida da viagem deste ano foi um até logo sem data programada. Primeiro, que o aperto financeiro espaçou as visitas para quando der – e faz tempo que não dá. Depois, a pandemia mudou tudo, refez calendários, reorganizou prazos, e agora nem nossa farra de ano está garantida, porque um ano letivo emenda no outro para não atrasar a escola.

Mas que coisa.

De meu pai, saudade.
Eu como pai, também.
Aí não tem vantagem.

Aceito, contudo, o presente que me mandam com tanto carinho lá do Fim do Mundo. É, pois, o limite do possível.

Se não tem o Painho por vir, adquiriram o vocábulo local com fluidez. Sou papá, ou pá, assim como a mão deles é a mamá. Ah, esses quase-argentinos!

Intercalam, pá, papá, pai, papai, à mercê de suas vontades.

Sou, então, o vocativo que eles querem que seja.

E tudo bem, ora, ora.

Teremos as nossas interações diárias para matar a saudade dentro do possível, planejando viagens dentro do possível, programando férias dentro do possível. Seguirei orgulhoso demais dos projetos de pessoas que são, carinhosos, inteligentes, cheios de energia e sempre com um “eu te amo” na ponta da língua.

Só que o possível, neste 2020, é uma fresta ínfima de uma janela trancada.

A Bahia será sempre um pedaço deles. Estará sempre ali, para sorverem com gosto quando as circunstâncias assim permitirem.

Não sou Painho, mas sou Papá. ¿Te parece?



— eu, pai

54

Até o fim do mundo



Por eles, a distância até o Fim do Mundo parece a esquina de casa

Numa manhã de não muito frio, mas avisados que estávamos das temperaturas que seguramente cairiam ainda mais por seguir mais ao sul pelo Canal de Beagle, saímos de Ushuaia rumo a Estância Harberton com alguns casacos a mais. Assim fomos, prevenidos. À nossa frente, uma excursão programada para durar mais de 9 horas, com direito a visitar a pinguinera, local onde os pinguins se refugiam para procriar.

Por um lado, a necessidade de silêncio absoluto e nada de correria. Por outro, erámos 3: eu, meu filho de 5 anos e minha filha de 3 anos.

Pongamos no barco que nos levaria rompendo as águas geladas do canal. Muitos brasileiros, e logo meus meninos viraram a atração principal.

Preparado que eu estava, havia lanches na mochila, muitos papéis para desenharem, lápis de cor, água. Fraldas extras para minha

filha – apesar do desfralde já realizado, imaginei que seria complicado achar um banheiro no meio dos ninhos dos pinguins. As simpáticas guias vão falando das peculiaridades dos vilarejos que víamos ao longe, dos exploradores que primeiro chegaram, “ali é Chile”, “já ali é Argentina”.

Pouco tempo adentro, o capitão reduz a velocidade: uma baleia jubarte está próxima. Os dois eram a cara da expectativa. Qual não seria outra reação, gritaram e festejaram subida e a não tão grande cauda nos saudando por sobre as águas. Prontamente se colocaram com seus papéis, depois dos tchau à baleia, para desenhá-la tal.

Eles são muito companheiros, brincam muito juntos. Quase o tempo inteiro querem o mesmo lápis para pintar, e ai de um se encostar no papel do outro. A gente pinta junto os bichos típicos da região. Meu filho me conta que vê o castor nos passeios do Valle de Lobos, agora sua morada.

Todos se derretem com a candura dos dois. Mas não pense que assim são normalmente. Havia um medo enorme: conseguir segurar a ansiedade óbvia e animada em excesso de duas crianças que são reconhecidos na cidade como o terror de Ushuaia.

O tempo passa voando, nem sentimos quando chegamos à estância. Fomos direto para o almoço. Dali a pouco, pinguins!



Alexandre, no mirante da Estância Harberton
Foto: Gabriel Galo. Ushuaia, 2017.

Na chegada ao barco na volta do restaurante, desespero: esqueci o estojo de lápis de cor no restaurante. Alívio veio 2 minutos depois, pelas mãos de uma das atentas guias, que me trouxe o pequeno recipiente da salvação. Abracei-a agradecido.

Tomamos um barco-quase-bote rumo a um lado mais afastado da Estância. Uma vez mais, eles eram a cara da expectativa.

Tivemos muitas conversas durante a viagem. Preleção, junta aqui. Tem que fazer silêncio, falar baixinho, não pode correr, não pode tocar, vai assustar os pinguins, mas pode bater fotos, apontar pro papai. Assimilaram perfeitamente.

Já na costa onde o bote atracou, pinguins refestelavam-se preguiçosos sob o sol e sobre a praia cheia de pequenas pedras e de areia muito grossa. Minha filha aponta o dedinho, “olha papai, pinguins!”, faz cara de “que bonitinho!”. Meu filho pede a máquina fotográfica. Quer ele bater as fotos. Um vento forte e gelado confirmava a necessidade de mais agasalho, mas para aquelas gorduchas aves, era praticamente uma brisa de verão. Meus filhos querem chegar mais perto. Atendendo seus chamados, vamos de mãos dadas e nos sentamos na areia para eles verem os desengonçados bichos a cerca de um metro e meio de distância. Nossos anfitriões não parecem se importar, conquanto não sejam importunados.



Daqui a pouco chegamos, filho!
Foto: Gabriel Galo. Ushuaia, 2017.

AS GUIAS NOS CHAMAM: HORA DE IR AOS NINHOS!

Bela vai na frente, quer liderar o grupo. A extremamente simpática e paciente guia fica por perto observando, enquanto vou mais atrás tendo que puxar meu filho que a todo instante parava para tirar fotos e mais fotos.

“Vamos, filho! A gente tem que ir!”

Logo, um grande quase-descampado se mostra uma verdadeira fábrica de pinguins. Um caminho estreito, em alguns momentos a não mais do que 10 centímetros de distância dos ninhos, se delineava com marcações com pedras e cordas. Alguns dos elegantes animais em seus smokings naturais nos observam, desconfiados e imóveis. Outros entram e saem de seus buracos cavados para proteção dos ovos. Nos meus pequenos, é visível o desejo quase incontrolável que eles sentem de fazer um carinho num deles!

“Deixa, papai!” Seus olhinhos suplicam.

Um dos casais de pinguins me chama à atenção. Estão abraçados, como se admirando o pôr-do-sol, numa agradável

tarde de céu aberto sem nuvens e com vento cortante para uns, um sopro morno de felicidade para eles. Em seu buraco, a cria que num átimo virará vida. Seus focinhos estão virados a quarenta e cinco graus com relação ao corpo, levemente inclinados para cima, altivos, imponentes. Eram a harmonia entre a serenidade e a plenitude. Cúmplices de uma jornada bem feita. Suas asas, em metamorfose, transformam-se agora em braços e mãos, que tocam suavemente o dorso da companhia, com a leveza do dizer “estou aqui”, os quadris encostados, enamorados. Sua linguagem corporal estática diz, em letras garrafais, mas com a calma que o lugar exige, “Com você vou até o fim do mundo.”



Nós e a plantação de pinguins.
Foto: Gabriel Galo. Ushuaia, 2017.

Voltamos para bote, depois para o barco maior, sempre com um olho puxando o meu filho que tudo queria registrar e outro na minha filha que comandava o ritmo da excursão.

Na volta, envoltos em seus alfarrábios colorantes, pintaram pinguins e afins. Cruzamos com mais duas baleias no canal, desta vez possivelmente mãe e filhote. Já não estão mais assim tão empolgados, boas 8 horas já se haviam corrido. Afugentando o sono, minha filha resolve correr pelo corredor do barco. Vai numa ponta, estou eu na outra, e ela vem correndo para se jogar nos meus braços. Uma, duas, dezenas de vezes, sempre sorrindo, lépida.

Como eu sinto falta da minha pimplha.

Meu filho, na mesa, é a representação da maturidade. Austero, pinta e repinta outro desenho e mais um, me mostra orgulhoso sua obra.

Como eu sinto falta do meu zé.

Minha filha resolve fazer das outras mesas e pernas de todos ali a caverna de seu mais secreto esconderijo.



Pequena pausa para descanso.
Foto: Gabriel Galo. Ushuaia, 2017.

“Conta papai!”

E eu conto até dez. “Cadê a Bela?”

Lá saio eu procurando a minha fujona, que grita gigantesca alegria quando a encontro, “Acheeee!” De novo, e vez mais.

Uma senhora – professora do maternal, ela me conta – vem elogiar a educação e obediência de meus meninos. “Mal sabe ela...”, pensa minha ex-mulher, incrédula quando contei da tranquilidade que foi toda a viagem.

Depois, pés grudados em terra firme após longas despedidas a todos, garantimos uma pipoca, um café para mim, biscoitos com bolo e suco para eles, para já dormirem no táxi em meu colo antes de chegarmos à cabana, minha residência provisória durante a semana. Eram, desta feita, o semblante do cansaço.

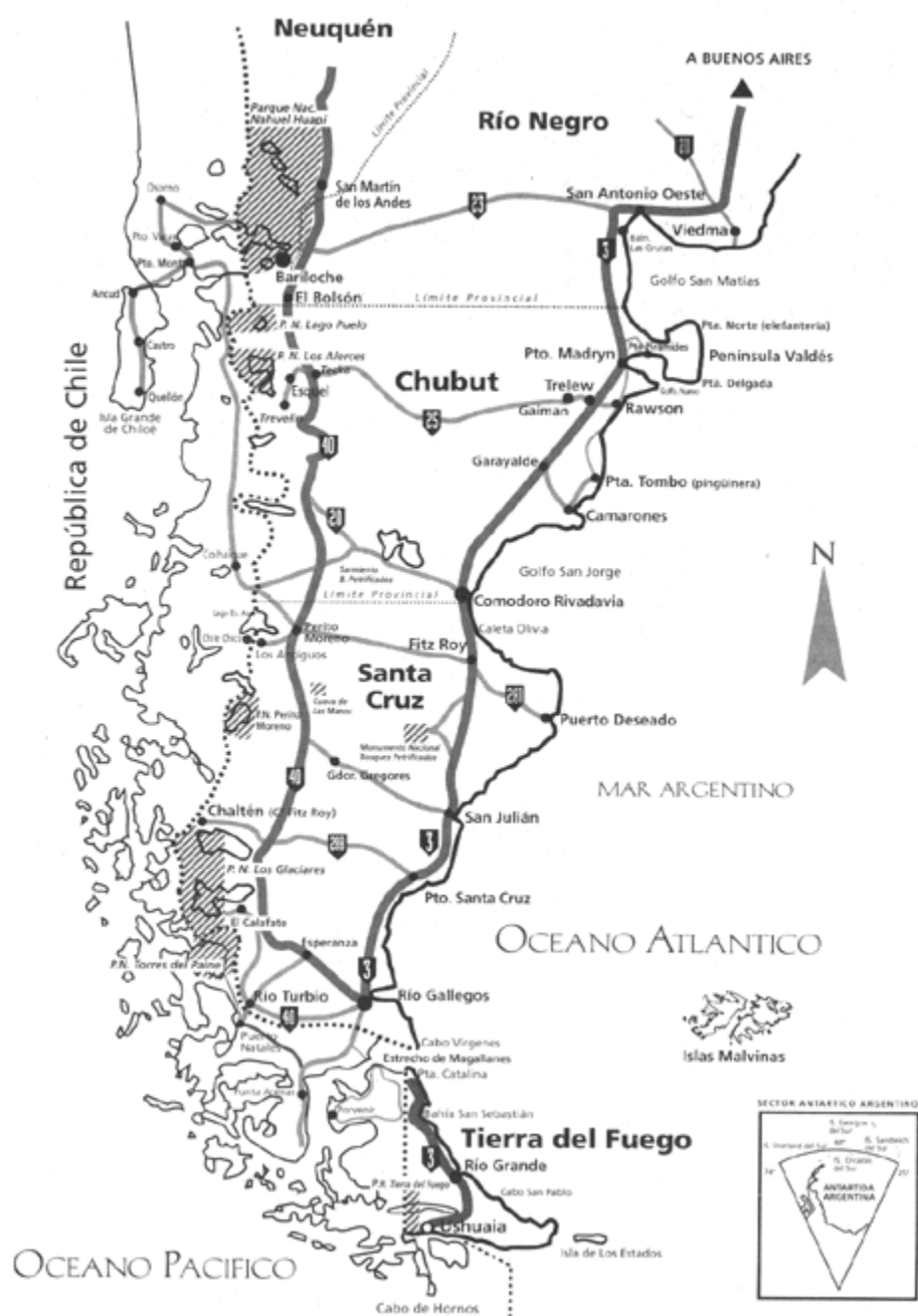
Com muito custo, consigo dar banho e trocar o pijama dos dois. Repouso-os na pequena cama de casal e ajeito o meu colchão de solteiro no chão para dormir. Penso que posso ter passado hora ou mais olhando os dois ali, estirados folgosos, ele coberto, ela, calorenta, se livrando de lençol e pança sobressalente quase de fora.

Percebo que a distância até ali parece a esquina de casa.

Que, por eles, vou até o fim do mundo.

Relato escrito em 10 de agosto de 2017.

Desenho do mapa da Terra do Fogo, extremo sul da Argentina, onde está localizada Ushuaia



Contribua com a mídia independente!



APOIA.se /
PAPODEGALO

60

Oi, pai



Oi, pai,

Minha pouca idade impede que eu saiba como falar o que eu sinto. E eu sinto muita coisa, sabe?

Sinto um amor imenso, mas ao mesmo tempo um muito ciúme de minha irmã. Como é possível isso? Gostar e desgostar ao mesmo tempo?

Sinto vontade de correr, tenho muita energia. Corro, corro, corro e não quero mais parar.

Sinto um desejo incontrolável de ver TV, gosto de desenhos! Será que tem alguém que não gosta? Acho que fico até surdo, falam comigo e não consigo ouvir.

Sinto raiva quando algo me desagrada. Eu perco o controle, fico nervoso, sabe?

Sinto também, muitas vezes, uma vontade de ficar quieto, entretido com meus botões. É que ficam vindo um monte de ideias na cabeça e eu sem saber direito o que está acontecendo.

A verdade é que lidar com essa coisa de crescer é complicado. Até que ponto eu sou criança? Qual o sentido de crescer? E como a gente sabe que cresce? Pelo tamanho? Pelos dentes que caem e nascem de novo? Pela matéria da escola que vai ficando mais difícil? Como é falar que nem gente grande?

Me ensina?

Sei que você está longe, mas eu tenho a mamãe e a Bela, e está tudo bem.

Enquanto isso, sei apenas sentir. E dentro de todos os sentimentos que minha pouca idade impede que eu saiba falar, e até de entender, tenho certeza de um: sinto sua falta todos os dias.

Crônica escrita em 23 de dezembro de 2017.

62



Esse é o meu
clube



Quando eu vejo uma casa arrumada me bate logo uma inquietude.

Parede branca, sem rabiscos? Onde todos veem tijolos recém-pintados, vejo tela pronta para nova obra de arte.

Acredite, se der para escalar, eu vou. Cadeiras, mesas, estantes, prateleiras, sacadas, o Pão de Açúcar, por que não?

Toda minha vida me falaram, “ei, você não pode fazer isso”, mas eu fui lá mesmo assim e fiz, porque eu posso ter 3 anos, mas ninguém manda em mim.

Na minha cidade, hoje em dia, quem me vê, abre caminho. Respeito se conquista assim. Falando sorrindo e fazendo o impossível.

Se eu quero, eu posso, e assim caminho, em frente, um furacão avassaladoramente charmoso, que encanta e conquista.

Esse é o mundo. Esse é o meu clube.

Crônica escrita em 23 de dezembro de 2017.

64

*Soy linda, por
supuesto*



Dizem que a relação entre pai e filha é mais especial. Quem diz isso tem grande chance de ser pai de menina. A grama do vizinho nunca é mais verde com relação a filhos, maravilhosa exceção à regra da cobiça. Como pai, direi, enfaticamente, que a minha relação com meus filhos é mais especial e pronto, porque, afinal, estamos diretamente envolvidos. Você vai argumentar e dizer “não, não, não, a minha é mais!”, e não poderei discordar, cada qual com seu lote.

Deve ser coisa da idade – minha filha cruza a passos largos rumo aos quatro anos – e da distância. Ou do fato de eu ser lindo mesmo, vai saber, tem gosto pra tudo.

Sacaneávamos todos os adultos mutuamente o tempo inteiro na grande farra que foi a viagem de Ano Novo. Era coisa incessante, repertório variado e repetitivo. A todo instante, qualquer circunstância era motivo para piadas. Se ninguém pisava para fora do quadrado, a gente inventava mesmo e pronto. Ou então relembávamos casos antigos que emergiam ao sabor da nossa necessidade de gargalhadas. Quem não entende que pirraça é grande demonstração de afeto ou é ruim da cabeça ou é doente do pé. Até porque pirraçar quem não gostamos atende pelo nome de humilhação.

Nestas idas e vindas de provocações, um amigo vira para o meu filho e fala “seu pai é feio”, meio que cantando uma música improvisada. Ele não dá muita bola. Do meu lado estava minha filha, que arregalou seus grandes pequenos olhos, surpresa, assustada, indignada. Quando silêncio se fez, ela se vira para mim, mãozinhas nas minhas bochechas, falando baixinho, um segredo só nosso: “Papi, eres lindo.” A gente se abraça, ela me dá um beijo na bochecha, segue a brincar com algo novo.

Assim eu era, na cabecinha dela de menina que precisa confortar o ofendido pai chamado de feio, lindo.

Falam pra gente não se importar para a opinião dos outros, o que é verdade, porém parcialmente. O que se fazer com o que sai daquele pingo de gente cheio de certeza e carinho, senão acatar, aceitar e ouvir atentamente? Ah, eu me importo demais.

Bato no peito inflado orgulhoso, confiante, altivo, nobre talvez: Soy lindo, por supuesto! Como no?

Crônica escrita em 12 de janeiro de 2018.

66

No me deje
sola



Não deixarei, filha, não importa o quê.

Deitados estamos, eu e minha filha. Ambos de lado, um de frente para o outro. Meu filho já dorme desde a segunda canção de ninar. Ela resiste um pouco mais. Cruza com medo da noite a fase dos pesadelos, que fazem com que desperte com certa frequência, em meios a choros e gritos de papai ou mamãe. Quais seriam os bichos a visitá-la? Ou ainda quais cenas indefiníveis como fantasia teriam-na assustado causando necessidade de mundo real?

Ali, quase de rostinhos colados, sua respiração soprando meu nariz e olhos, ela reúne suas últimas forças consciente. Segura-me o rosto num quase afago de carinho, mãos em meu queixo, como que garantindo que eu estivesse olhando para ela em meio à escuridão, suplica em sussurro: “no me deje sola.”

Não deixo, Bela.

Não deixarei quando brigarmos, e vai acontecer em algum momento, você gritando que me odeia. Vou tentar entender suas frustrações e agir melhor dos meus esforços para que você entenda que meu amor por você é maior que o mundo.

Não deixarei quando resolver seguir sua intuição de menina feita, quebrando a cuca em aprendizados que somente a vida poderá ensinar. Algumas coisas só se aprendem na pele. Estarei pronto para te acudir num estalar de dedos.

Não deixarei quando a vir partir de casa,

deixando seu quarto vazio, meu coração idem. Sempre haverá uma cama na casa do pai pra você.

Na batalha dos sonhos feios, queria poder estar dentro de sua cabeça, vestido de armadura e força em punho e lutar contra seus monstros. Lutaríamos juntos, ela a guerreira líder, eu seguindo obediente suas instruções e, heróis, afugentariamos bichos de várias cabeças e de feições amedrontadoras.

“No me deje sola.”

Não deixarei, filha, não importa o quê.

Ainda mais agora, com você pituca e disposta a distribuir sorrisos e encher minha alma de alegria. Ainda mais agora que basta ouvir sua vozinha rouca pra eu ir correndo. Papai sempre estará do seu lado. Literalmente, o meu quarto está na porta em frente. Minha cama sempre vai caber seu mundo.

Não a deixo nem se eu quisesse, filha. Nem se você pedir. Estou impossibilitado para sempre de deixar você sozinha. Caminharemos sempre juntos, Bela.

Chama o pai e ele vai correndo. E se pedir assim, de mãozinha e rostinho colado, “te quero mucho” e que tais, só me dá uns minutinhos pro pai parar de chorar, recuperar o fôlego e poderemos, enfim, avançar sobre as linhas inimigas e mandar todos os vilões de seus sonhos para as cucuias, lugar de onde nunca deveriam ter saído.

Crônica escrita em 01 de janeiro de 2018.



APOIE PAPO DE GALO

>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 5 reais por mês, um cafezinho apenas? Bora?

Quer contribuir de outras formas? Siga, compartilhe, assine a newsletter (só um e-mail por semana, se tanto). Tem contatos? Que tal me indicar para escrever em colunas, ou me convidar prum projeto seu?

Quer ajudar mais ainda? Me manda um e-mail e bora conversar!